

Os sentidos de metrópole: saber urbano e jornalismo

(The senses of metropolis: urban knowledge and journalism)

José Horta Nunes

Laboratório de Estudos Urbanos/Nudecri – Universidade Estadual de Campinas (UEF)

johnunes@unicamp.br

Abstract: Based on the theoretical device of Discourse Analysis, this paper analyzes four images of the city related to the notion of metropolis: a) “the metropolitan region”, “the city region”, “the historic center” and “the cultural capital”. Each one of these urban images is based on specific discourses to be discussed here. The analysis takes into consideration: a) the city metaphors presented in the discourse; b) the significance of urban spaces; c) the relationship with knowledges and institutions that, in each case, support the interpretations; d) the temporality in the configuration of city images. We also aim to show how urban knowledge is related to the journalistic discourse.

Keywords: Discourse Analysis; metropolis; journalistic discourse.

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar, com base na análise de discurso, a configuração de quatro imagens de cidade ligadas à noção de metrópole, a saber: “região metropolitana”, “cidade região”, “centro histórico” e “capital cultural”. Cada uma dessas imagens cidadinas se sustenta em discursos específicos, que objetivamos mostrar. Consideramos na análise: a) as metáforas cidadinas constituídas nos discursos; b) a significação dos espaços urbanos; c) a relação com os saberes e com as instituições que sustentam as interpretações em cada caso; d) a temporalidade na configuração de imagens da cidade. Tem-se em vista também mostrar de que modo a circulação de saberes urbanos se relaciona com o discurso jornalístico.

Palavras-chave: análise de discurso; metrópole; discurso jornalístico.

Introdução

Este trabalho está relacionado ao projeto “Enciclopédia Discursiva da Cidade: análises e verbetes”,¹ que tem o objetivo de realizar análises de discursos urbanos e elaborar verbetes enciclopédicos que divulguem os resultados dessas análises. Minha proposta para esse projeto é analisar sentidos de *metrópole* em um *corpus* heterogêneo, que inclui textos de urbanistas, textos governamentais, textos jornalísticos e textos cotidianos. Neste artigo, analiso notícias de jornais que tomam por objeto as metrópoles, buscando mostrar a configuração de um imaginário de cidade e explicitar de que modo os saberes urbanos sustentam tais imagens. As análises se inserem nas pesquisas que buscam compreender a cidade pelo viés da linguagem, tomando-a como real que demanda sentidos e sujeito a direcionamentos que a organizam em certas direções (ORLANDI, 2004, 2001)

Em um outro trabalho,² mostramos que os sentidos de *metrópole* estão geralmente associados a uma cidade grande e influente, o que coloca, de um lado, a questão da *quantidade*, e, de outro, a do *poder* em vista de outros espaços ou outras cidades. Esses

1 Auxílio à Pesquisa da Fapesp (Proc. n. 2012/22917-0).

2 “Léxico Urbano: os sentidos de metrópole”. Texto entregue para publicação organizada por Ieda Maria Alves para a coleção *As Ciências do Léxico* (no prelo).

sentidos estão sedimentados nos dicionários de língua, por exemplo, e aparecem parafraстicamente em diversos outros materiais. Outro ponto que gostaríamos de retomar é o fato de que metrópole significa espaços urbanos que não coincidem com os limites dos municípios: as cidades crescem e se juntam a outros espaços, rurais e urbanos, e por isso estão sujeitas a uma série de sentidos que escapam à administração pública, aos discursos jurídicos, à cidade legal, enquanto aproximam-se de uma série de discursos não governamentais que procuram delinear e projetar os seus contornos, sua futuridade. É um espaço de instabilidade, de deslizamentos de sentido, de fronteiras de formações discursivas.

Após uma busca de notícias que abordassem a noção de metrópole, e uma primeira leitura desse material, selecionamos para esta análise quatro textos, que apresentam os seguintes títulos:

- 1) “São Paulo é a metrópole com mais migrantes” (ROSSI, 2012).
- 2) Relatório da ONU diz que São Paulo pode ser chamada de “cidade-região” (GUEVANE, 2013).
- 3) Marselha usa ano como capital cultural para construir nova imagem (DUPLANDIER, 2012).
- 4) Lojas centenárias no coração de uma metrópole (MEDRANO, 2012).

Nesses textos, notamos respectivamente a configuração de quatro imagens de cidade ligadas à noção de metrópole, a saber: “região metropolitana”, “cidade região”, “centro histórico” e “capital cultural”. Cada uma dessas imagens cidadinas se sustenta em discursividades específicas, que objetivamos mostrar a seguir. Note-se que não foi nosso objetivo comparar os jornais em que essas notícias aparecem, mas sim compreender a circulação de certas imagens da cidade na mídia de ampla divulgação. O que visamos a analisar foram: a) as metáforas cidadinas constituídas nos discursos; b) a significação dos espaços urbanos; c) a relação com os saberes e com as instituições que sustentam as interpretações em cada caso; d) a temporalidade na configuração de imagens da cidade.

O discurso jornalístico, enquanto discurso *sobre* (MARIANI, 1998), toma a cidade como objeto e se apropria de saberes em circulação sobre ela. Importa-nos explicitar de que modo esses saberes ali se inserem. Os nomes atribuídos às cidades são índices do modo como elas são significadas em certos discursos. Eles são vistos aqui em seu funcionamento metafórico, na medida em que eles se constituem na relação com o interdiscurso, na incessante retomada das formações discursivas em uma conjuntura. Consideramos, em concordância com M. Pêcheux, que

[...] é porque os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a uma outra formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente. (2011, p. 158)

As nomeações de cidade, tal como *metrópole*, ao serem inseridas no discurso jornalístico, retomam certos discursos constituídos em outro lugar. Elas não consistem em referências universais ou fixadas, mas estão sempre em movimento nos discursos. Ao mesmo tempo, ao circularem e se repetirem, elas constituem certos imaginários da cidade. Cabe observar, então, a polissemia que envolve essa palavra ao ser retomada por diferentes nomeações, em diferentes formações discursivas, bem como os efeitos de unidade que ela condiciona em uma dada formação discursiva.

Uma das condições de estabilização dos sentidos dos nomes citadinos está na institucionalização dos saberes urbanos. Incluímos aí as diversas instituições produtoras de saberes sobre a cidade. Como se tem considerado em alguns estudos em análise de discurso, a instituição funciona como lugar de legitimação dos discursos, dos saberes, das ciências, das disciplinas (GUIMARÃES; ORLANDI, 2002). Ao circularem nos jornais, tais saberes são retomados, reproduzidos, transformados conforme os percursos que eles tomam no discurso jornalístico. Partindo da análise da textualidade de notícias jornalísticas, encontramos pistas que nos levam às instituições que conformam essas imagens. E também percebemos o modo como os saberes são silenciados, parafraseados, esquecidos. Em meio às não coincidências enunciativas (AUTHIER-REVUZ, 1998) inscritas nas cenas que envolvem jornalistas, leitores e instituições, procuramos identificar as citações, os discursos relatados, as paráfrases. Atentamos também para as formas de silenciamento (ORLANDI, 1992) dos saberes. Entre o acontecimento sobre o qual a notícia se volta e o discurso que o jornalista dirige ao leitor, vemos pela materialidade discursiva os indícios dos discursos institucionais que significam a cidade. Atentamos ainda para o modo como nomeações e saberes institucionais inscritos em diferentes formações discursivas participam da significação dos espaços, especialmente os que se configuram para as metrópoles, de modo que nos inserimos nos estudos que buscam abordar o espaço urbano enquanto espaço simbólico de significação (ORLANDI, 2001; RODRÍGUEZ-ALCALÁ, 2003), assim como os que visam a dar continuidade à construção da *Enciclopédia Discursiva da Cidade* (ENDICI), uma enciclopédia digital que objetiva compreender o urbano pelo viés da linguagem, levando-se em conta a polissemia discursiva (ORLANDI, 2003; NUNES, 2012).

Uma vez explicitados o dispositivo teórico, os procedimentos e as questões, passemos, então, às análises das notícias.

“Região metropolitana”: a metáfora do Estado

No texto “São Paulo é a metrópole com mais migrantes”, notamos a presença de um discurso sobre os migrantes na cidade de São Paulo. O texto é de autoria de Amanda Rossi, repórter do jornal *O Estado de S. Paulo*. Observemos a sequência abaixo:

São Paulo sempre foi conhecida por receber pessoas de todos os lugares e por compor sua história e cultura com essa mistura. Os dados da Pnad 2011 mostram que a presença de pessoas de fora do Estado é de fato um dos maiores diferenciais da Grande São Paulo em relação às outras regiões metropolitanas. Um terço dos moradores nasceu em outros Estados, sobretudo no Nordeste. Outros 17% são de outros municípios paulistas. Metade nasceu na Grande SP. (ROSSI, 2012)

O nome próprio “São Paulo” é retomado na sequência por “Grande São Paulo” e por “regiões metropolitanas”. De um lado, temos a significação da metrópole pela quantidade (“grande”), como uma extensão da cidade, e de outro pela significação do espaço (“região”). Neste último caso, região metropolitana evoca a noção adotada pelo Estado para legitimar as regiões passíveis de se tornarem organizadas, planejadas e administradas, para além dos limites dos municípios. Conforme a Constituição de 1988, as regiões metropolitanas são “constituídas por agrupamentos de municípios limítrofes, com o objetivo de integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de

interesse comum” (Art. 25, § 3o). É assim a metáfora regional do Estado que prevalece no encadeamento de nomeações do texto, o que leva ao predomínio do discurso jurídico estatal na significação da metrópole, enquanto espaço organizado que envolve diferentes municípios, com organização futura, ou seja, por lei complementar estadual e possibilidade de posterior implementação de práticas que visem a finalidades públicas no âmbito nacional.

Notam-se na análise dois momentos de enunciação do discurso jornalístico. O primeiro diz respeito a um conhecimento de senso comum, histórico e cultural, que repousa sobre uma memória coletiva da “mistura”: “São Paulo sempre foi conhecida por receber pessoas de todos os lugares e por compor sua história e cultura com essa mistura” (ROSSI, 2012). Em seguida, temos uma enunciação que se sustenta em “dados da Pnad 2011”, isto é, no discurso do IBGE, instituição que disponibiliza uma série de dados sobre a população brasileira (ROSSI, 2012). A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), por meio de entrevistas com moradores, investiga diversos temas, dentre eles o da migração. É interessante observar aí o funcionamento da sigla Pnad, visto que não se menciona em nenhum momento da notícia o IBGE e nem se descreve o objetivo dessa pesquisa: a Pnad aparece como uma evidência, sigla enigmática legitimadora do discurso jornalístico, com sua imagem de clareza e objetividade apoiada em uma concepção quantitativa da realidade urbana.

A marca da palavra “dados” caracteriza o estatuto do que é dito, remetendo a um discurso científico de pesquisa urbanística estatística, ligado a uma das instituições mais mobilizadas no jornalismo sobre temas urbanos. Observe que, na passagem do discurso histórico e cultural, que prevalece no início da sequência, para o discurso científico, que prevalece na continuidade, há uma relação de continuidade, de aliança, o que se percebe pela retomada pela expressão “de fato”: “Os dados da Pnad 2011 mostram que a presença de pessoas de fora do Estado é *de fato* um dos maiores diferenciais da Grande São Paulo” (ROSSI, 2012, grifos nossos). Isso aponta para a estreita relação construída no discurso entre a ciência estatística e os conhecimentos históricos e culturais de senso comum. Uma vez instalado o discurso científico nessa conexão, ele se mantém até o final do texto, sem a citação de nenhum autor ou de outra instituição, de modo que a voz do IBGE é reproduzida por meio de uma leitura resumida dos dados, em que as descrições quantitativas e o ranqueamento das cidades estão sempre presentes:

A maior comunidade de migrantes em São Paulo é a dos nordestinos, que representam sete entre dez pessoas de fora do Estado. O destaque vai para a Bahia. O contingente baiano é tão grande que equivale a 40% da população da região metropolitana de Salvador: 1,4 milhão de pessoas. Em seguida, estão Pernambuco e Minas Gerais, com mais de 870 mil pessoas cada um. (ROSSI, 2012)

Esta análise nos leva a compreender o funcionamento das agências de estatísticas na produção do discurso jornalístico. Ao avaliar as iniciativas do IBGE para a difusão de informações, Jannuzzi e Gracioso (2002, p. 102) observam que “Um aspecto a valorizar nas estratégias de disseminação de informações são as iniciativas do IBGE e de algumas agências estaduais como a SEI e a FJP em organizar cursos de capacitação e atualização de jornalistas e profissionais de comunicação social.”. Isso mostra a aproximação entre especialistas em estatística, reunidos em uma instituição de renome nacional, e jornalistas que em seu cotidiano lidam com os discursos sobre a cidade.

A metáfora da “região metropolitana” é um índice, portanto, do discurso do Estado presente no discurso jornalístico. Fazendo a mediação entre o senso comum (histórico, cultural) e o discurso científico, apoiado em uma instituição estatal, a posição de jornalista desloca por efeito metafórico o que é histórico-cultural para o que é objetivado por meio de dados no discurso do IBGE. Essa transferência de sentidos afeta desse modo a significação do nome próprio “São Paulo” e orienta os sentidos para o discurso sobre os sujeitos e o espaço urbano. Em relação aos sujeitos, vemos a construção do objeto “migrante”, na relação com os nomes “pessoa”, “morador” e “população”. Assim, o sujeito da região metropolitana é, inicialmente, o cidadão, que é significado na constituição brasileira, a qual legitima a possibilidade de organização do espaço regional, e em instituições como o IBGE, cuja missão se apresenta como “Retratar o Brasil com informações necessárias ao conhecimento da sua realidade e ao exercício da cidadania” (IBGE, 2013); depois, é o migrante, objeto construído pelo discurso do IBGE na análise dos deslocamentos dos moradores (o quesito de migração corresponde a “residência anterior e há 5 anos da data de referência”). A realidade mostrada nos “dados” da região metropolitana apresenta um “retrato” desse sujeito migrante, que não permanece no município e se torna objeto de estudo e planejamento.

“Cidade-região”: a cidade mundial sustentável

O texto “Relatório da ONU diz que São Paulo pode ser chamada de ‘cidade-região’” (GUEVANE, 2013) foi publicado no *site Uol Notícias*, em 14 de fevereiro de 2013, com autoria de um repórter da Rádio ONU em Nova York, E. Guevane. Ao clicar em “Leia mais”, no final da primeira parte da notícia, o leitor é direcionado para o site da rádio da ONU, em que se encontra a notícia completa (ONU-HABITAT). No início do texto, nos deparamos com a nomeação “cidade-região” para se referir à cidade de São Paulo. Temos aqui novamente um discurso regional sobre a cidade, mas dessa vez não se trata de uma metáfora sustentada pelo discurso do Estado e suas instituições, mas sim de um discurso da Organização das Nações Unidas (ONU), tal como se nota já no título: “Relatório da ONU diz que São Paulo pode ser chamada de ‘cidade-região’”. Não encontramos no texto definição da noção de cidade-região, porém, pela análise, chegamos a identificar os sentidos que aí são produzidos, observando-se as fontes citadas, o modo de enunciação dos saberes, a intertextualidade, os discursos constituintes e o tratamento dos temas urbanos.

Na formulação da notícia, a voz do jornalista está estreitamente ligada ao discurso da ONU, tal como se apresenta no Relatório e também em alguns documentos e programas:

As Nações Unidas divulgaram, nesta quinta-feira, um relatório sobre a situação das cidades em todo o mundo [...] O relatório destaca o aumento demográfico de São Paulo e da Cidade do Cabo, na África do Sul, indicando que as duas metrópoles podem ser chamadas de “cidades-região” [...] Os dados estão no documento “Estado das Cidades do Mundo 2012/2013: A Prosperidade das Cidades” [...] Para o Programa de Assentamentos Humanos da ONU, UM-Habitat, um outro motivo de preocupação são os altos níveis de criminalidade e desigualdades sociais. (GUEVANE, 2013, s.p.)

Após citar, de modo generalizado, os “especialistas em planejamento urbano” que realizaram os estudos, o locutor jornalista passa a incorporar o discurso desses especialistas, apresentando ao leitor alguns dos resultados do Relatório:

Segundo especialistas em planejamento urbano, metrópole brasileira, assim como a Cidade do Cabo, na África do Sul, registra ritmo de crescimento demográfico maior que o de outras grandes cidades no mundo.

No estudo, são avaliados índices de prosperidade, crescimento demográfico, segurança e outros aspectos do dia-a-dia de grandes centros urbanos. (GUEVANE, 2013, s.p.)

A cidade de São Paulo é falada, desse modo, da perspectiva do discurso da ONU, que toma por objeto cidades do mundo. Não são citados nomes de cientistas, de maneira que o que funciona no discurso é a representação institucional de alcance global. Ao citar as fontes documentais da ONU, o locutor jornalista se mantém muito próximo do discurso citado, o que se vê pelo modo de introduzir o discurso do outro: “Relatório da ONU diz que [...]”; “No estudo, são avaliados [...]”; “O relatório destaca [...], indicando que [...]”; “Para o Programa X, um outro motivo de preocupação são [...]”; “De acordo com o estudo, [...]”; “Especialistas que compilaram o relatório, afirmam que [...]”; “Mas o documento também traz boas notícias [...]”; “O relatório [...] ressalta ainda”; “o documento afirma que [...]”. Os verbos que introduzem os enunciados da ONU (“dizer”, “destacar”, “compilar”, “afirmar”, “ressaltar”), bem como expressões como “de acordo com”, apontam para uma proximidade entre o discurso do jornalista e o discurso da ONU, sem colocar em questão ou discutir os documentos sob outras perspectivas.

Encontramos também marcas de um discurso que se mostra como objetivo, dentre as quais as descrições quantitativas, estatísticas: “mais de 80% dos lares têm ao menos um telefone celular, aumentando a conexão móvel. Este setor, aliás, representa 1,7% do PIB regional, num total de US\$ 82 bilhões em 2010”. A palavra “dados” também nomeia aqui o conjunto dos discursos citados, sustentando a pretensão de cientificidade da instituição e dos especialistas envolvidos.

Uma última observação a respeito do discurso da ONU sobre as cidades brasileiras. Ao se apoiar no discurso da sustentabilidade, o sentido ambiental é outro índice do modo de tratar os temas citadinos, o que leva a um apagamento de questões sociais, políticas e econômicas. Considere-se, por exemplo, o modo se abordar a questão do tráfego. O documento da ONU afirma a esse respeito apenas que se trata de “um grande problema ambiental”, o que leva a silenciar questões como a precariedade do transporte público, a dificuldade de deslocamento para trabalho, os preços abusivos, etc., questões amplamente discutidas diante das recentes manifestações de rua ocorridas no Brasil.

Uma vez que identificamos a ligação ao discurso da ONU, cabe questionar sobre a direção de sentido que esse discurso toma. Uma consulta ao *site* da ONU nos conduz a um relatório do Programa de Assentamentos da ONU, ONU-Habitat, denominado “Estado de las Ciudades de América Latina y el Caribe 2012” (Esse relatório aborda cidades da América Latina, tendo em vista ações para o “desenvolvimento econômico regional”. Vejamos como os sentidos de cidade-região ganham sustentação nesse discurso e como o espaço citadino é aí significado:

Áreas metropolitanas, conurbaciones, ciudades-región, megarreiones y corredores urbanos son nuevas expresiones territoriales Del fenómeno urbano que favorecen y se apoyan em

el desarrollo econômico regional. Son espacios que ofrecen grandes oportunidades socio-econômicas, aunque también conllevan retos de enormes proporciones desde el punto de vista social, medioambiental y de gestión política e institucional. (ONU-HABITAT, 2012, p. 34)

Ao analisar a sequência textual acima, identificamos uma série de nomeações dos espaços urbanos (“expressões territoriais”), a saber: “áreas metropolitanas”, “conurbações”, “cidades-região”, “megarregiões” e “corredores urbanos”. Em seu conjunto, essas noções significam os espaços que ultrapassam os limites municipais, e apontam para diversos arranjos citadinos mais amplos. Na continuidade do texto, percebe-se que tais noções são retomadas no interior de um discurso de “desenvolvimento econômico regional”, marcado pelas “grandes oportunidades socioeconômicas” e pelos grandes desafios do ponto de vista “social, de meio ambiente e de gestão política e institucional”. Constitui-se desse modo um discurso sócio-econômico sobre as cidades latino-americanas, vistas a partir daí como oportunidades econômicas.

Ao abordar temas como a criminalidade, a distância entre ricos e pobres, os celulares, o tráfego, o discurso da ONU é divulgado como discurso disponível para um público amplo, que faz circular gestos de interpretação autorizados pela voz dos especialistas e pelo peso de uma instituição global. Ao mesmo tempo, produz-se um efeito consensual que se apoia na objetividade dos dados, na proximidade do locutor com os discursos institucionais citados e na apreensão dos conceitos por gestos classificatórios, um saber que, ao migrar dos documentos institucionais da ONU, silencia os debates científicos mais amplos em torno dos temas urbanos.

“Capital cultural”: a cidade os blocos econômicos regionais

Se a globalização atinge as instituições supranacionais e o modo de conceber as cidades para além dos limites municipais e estatais, inseridas no mercado global, vemos, como uma das decorrências disso, a formação de blocos regionais que constituem novas identidades territoriais e citadinas. Em meio a essa conjuntura surge a imagem da “capital cultural”, tal como observamos no texto “Marselha usa ano como capital cultural para construir nova imagem”, publicado no *site* do *Uol Notícias*, em 28 de dezembro de 2012, de autoria de U. Duplandier.

Nesse texto, a jornalista constrói a imagem de Marselha como “capital cultural”, uma metrópole que reforma sua antiga região portuária para transformá-la em um “local de cultura, moderna arquitetura e boa vida”. A jornalista mobiliza em seu texto, polifonicamente, diversos lugares de saber que sustentam ou questionam o projeto de reforma. O antigo porto, que será transformado em “zona de tráfego restrito”, é apresentado no discurso como ponto de confluência de várias vozes da cidade, desde aquelas que indicam as tendências modernizantes, de “progresso”, com base no plano de urbanismo em andamento, até as que trazem as vozes silenciadas da cidade e que demandam um lugar “para todos”.

Dentre os discursos organizadores da cidade, o projeto Euroméditerranée é o que direciona os sentidos para uma “cidade cultural” a ser construída. O título de capital cultural é oferecido a cada ano a uma cidade da União Europeia. Esse projeto, considerado “o maior projeto urbanístico da Europa”, ao lado do município e do Estado francês, prevê, para Marselha, além da reforma da região portuária, a construção de arranha-céus comerciais,

hotéis de luxo, condomínios, museus. Enquanto projeto subsidiado pelo Estado e pela União Europeia, são vários os participantes e as empresas envolvidas. Dentre os projetos arquitetônicos está o do Museu da Civilização Mediterrânea, o que mostra a abrangência cultural da intervenção no contexto europeu.

São citados na notícia jornalística o presidente do Euroméditerranée, Guy Tessier, e o porta-voz do projeto, Anthony Abihssira:

Estamos construindo uma nova cidade sobre a cidade”, define Guy Tessier, presidente do Euroméditerranée. “Este antigo bairro portuário foi perdendo suas atividades, no decorrer das últimas décadas, e empobrecendo cada vez mais, com casas que estão em mau estado. Há 12 anos essa parte da cidade está sendo totalmente recriada. [...] Uma das principais metas do Euroméditerranée é ampliar e deslocar para o norte o centro da cidade, que até então se restringia a umas poucas ruas em torno do velho porto”, explica o porta-voz do projeto, Anthony Abihssira. (DUPLANDIER, 2012, s.p.)

Diante desses discursos de organização da cidade, o locutor jornalista coloca em cena vozes de frequentadores do local, como uma vendedora que teme o desaparecimento do tradicional mercado de peixes: “‘Assim é o progresso’, suspira a vendedora de peixes Nana, de 82 anos, diante das cercas de metal e o barulho de britadeiras e tratores”. Embora questionem alguns fatos, os discursos dos moradores se apresentam na notícia favoráveis às mudanças: “Como este casal, muitos marseheses parecem ver com bons olhos a onda de revitalização urbana. ‘Vai ficar mais agradável passear e também viver, e vai devolver a Marselha o seu charme’, afirmam duas jovens” (DUPLANDIER, 2012).

Mas surgem também vozes organizadas dissonantes, como a de Abouatil Nouredile, da associação Un Centre Ville Pour Tous, que “critica tanto a falta de um plano transparente para realocação dos habitantes da área, quanto certos abusos por parte dos corretores de imóveis”. Os discursos de moradores de conjuntos habitacionais dos arredores também são introduzidos, como de um adolescente de 14 anos de idade, o comorense Karim:

Raramente ele abandona sua *cité*, e muitas vezes fica só em casa, para não ir parar na zona de tráfico de drogas. “Todos os meus antigos amigos do bairro se meteram lá”, conta. “Um colega meu foi experimentar uma vez... e agora está sempre lá. Ele vai ficar louco, de tanto fumar, bater carteira e vender”. (DUPLANDIER, 2012, s.p.)

Ou Noro Issan, de 34 anos: “O bairro virou um gueto” (DUPLANDIER, 2012, s.p.).

De volta aos discursos de organização da cidade, a notícia traz a voz do diretor sindical da polícia de Mareselha, Alphonse Giovannini: “Para garantir para si o lucrativo mercado das drogas, os traficantes estão dispostos a tudo. Não há mais regras, só o que conta é o dinheiro”. E a do secretário do Interior, Manuel Valls, que “prometeu atacar o problema dos ângulos mais diversos, como educação, trabalho e moradia, e no início de novembro enviou mais 200 policiais e gendarmes para Marselha. Assim será a Marselha do ano 2020” (DUPLANDIER, 2012, s.p.).

O saber sobre a cidade encontra-se aí em sua forma múltipla e distribuída polifonicamente no espaço da cidade, o que confere uma feição polêmica ao discurso. Porém parece-nos uma polifonia controlada, na medida em que o projeto para Marselha prevê intervenções justamente ligadas aos pontos que são discutidos. Embora apontando para

contrariedades, há uma convergência para o plano de reformas, significado como uma fatalidade (“é o progresso”), uma esperança, uma curiosidade, ou um saber que está fora do alcance dos sujeitos, mas que o atingirá inevitavelmente: “assim será”. E o *site* publicitário do Euroméditerranée, ao mostrar de modo espetacular as transformações urbanísticas, projeta para o internauta um efeito de progresso social e tecnológico em escala gigantesca, tendo em vista a construção da identidade cultural da união Europeia:

Née d’une initiative de l’Etat et des collectivités territoriales en 1995, Euroméditerranée est une opération d’intérêt national qui a pour ambition de placer Marseille au niveau des plus grandes métropoles européennes. Créateur de développement économique, social et culturel, Euroméditerranée est un accélérateur de l’attractivité et du rayonnement de la métropole marseillaise. Avec 480 hectares, Euroméditerranée est considérée comme la plus grande opération de Rénovation Urbaine d’Europe. (EUROMEDITERRANÉ, 2013, s.p.)

Ao significar a ligação do Estado à União Europeia, o discurso sobre a cidade configura um sentido cultural para a metrópole. Envolvendo infraestrutura, espaço público, escritórios, moradias, comércio, hotéis, equipamentos culturais e de lazer, etc., o discurso significa transformações globais e regionais de grande escala, que vão além dos limites dos estados nacionais, e caminham em direção à formação de novos espaços identitários, que se sobrepõem a outros discursos e identidades, ao modo de uma tendência de utopia tecnológica que sanaria os problemas sociais em nome do “progresso”.

“Centro histórico”: cidade e patrimônio da humanidade

O texto “Lojas centenárias no coração de uma metrópole”, publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 14 de agosto de 2012, faz parte de uma série de notícias que tomam por objeto metrópoles mundiais, como Dubai (Emirados Árabes), Lisboa, Cidade do México, Singapura e outras. Assinado por P. Medrano, o texto aborda a Cidade do México, e produz um discurso histórico e cultural sobre a cidade, ligado ao campo econômico do comércio e do turismo. Nessa conjuntura, o “centro histórico” torna-se uma metáfora indicadora desses discursos.

Ao descrever lugares, ruas, estabelecimentos comerciais da Cidade do México, o jornalista se apoia no *Guia de Comercios Del Centro Histórico*, publicado pela Curadoria do Centro Histórico. O saber sobre a cidade toma sentido na medida em que o centro histórico é considerado uma “área declarada Patrimônio da Humanidade pela Unesco”. Como vemos no *site* da UNESCO:

No Brasil, a UNESCO tem atuado em cooperação com as autoridades e instituições nacionais em diversas iniciativas para a preservação do patrimônio cultural, seja no apoio à preservação do Patrimônio Mundial e no fortalecimento dos museus, bem como na salvaguarda do rico patrimônio imaterial brasileiro. Também colabora para a proteção e a promoção da diversidade cultural do país, em atividades de formação e elaboração de políticas culturais nas áreas do artesanato, das indústrias culturais e do turismo cultural, entre outras. (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2013, s.p.)

Com o estatuto conferido por essa instituição de âmbito internacional, todos os lugares descritos tomam uma significação histórica, de modo que na fala do jornalista vão

aparecendo personagens importantes da história ou da cultura mexicana ou mundial: Cantinflas, Pancho Villa, Emiliano Zapatta, o pintor Diego Rivera, Anthony Quinn, os pintores Frida Kahlo e David Alfaro Siqueiros, o Prêmio Nobel de Literatura Octavio Paz.

São também citados estabelecimentos comerciais como o Café de Tacuba, a Casa Serra, a Camisería Bolívar, a Confeitaria Celaya, a loja La Palestina (especializada em artigos de montaria). Construindo uma cena em que se misturam turistas, moradores e personagens históricos, produzindo um discurso cultural sobre a cidade:

Basta um passeio despreocupado pelas ruas da região para se deparar com alguns desses lugares. Um exemplo é o Café de Tacuba (cafedetacuba.com.mx), na rua de mesmo nome, que em seus cem anos de história foi até cenário de casamento e *set* de filme. Foi lá que o pintor Diego Rivera se casou com sua segunda esposa, Guadalupe Marín, e que o ator Anthony Quinn rodou o filme *Os Filhos de Sánchez*. (MEDRANO, 2012, s.p.)

Além do *Guia de Comercios*, que abriga essas “histórias”, o locutor jornalista cita também as falas do diretor Geral da Curadoria, Inti Muñoz (“A idéia é difundir a memória, o valor destes estabelecimentos”), trabalhadores que comentam a relação com os frequentadores como Ramón Sánchez, da Camisería Bolívar (“Uma atenção personalizada é muito importante”), e o gerente da Confeitaria Celaya Jorge Huguenín. Também encontramos marcas de enunciações genéricas de senso comum: “é o que dizem”, “contam”. Esse conjunto de enunciadores especificados ou genéricos forma um discurso cidadão cultural, com sua história e memória, seus lugares, seus personagens, identificados no “passeio” de moradores e turistas.

Vemos aí que, com o discurso do Patrimônio Histórico, que determina a significação dos lugares, os centros históricos tornam-se “lugares a saber” nos guias turísticos, no discurso cotidiano, na memória coletiva. Vemos aí também a relação com o discurso econômico, dos “negócios”, que se entrelaça na série de estabelecimentos comerciais divulgados aos turistas. Aqui, os saberes urbanos, históricos e sociais são significados no interior da rede econômica que envolve esses lugares no contexto global, em que os centros históricos são considerados, legitimados e significados. Ao mesmo tempo, ao se remeter exclusivamente ao Patrimônio Histórico e Cultural, ocorre um silenciamento de especialistas dos domínios da história e da cultura, de modo que os enunciados ficam absorvidos no discurso econômico e turístico, e os sujeitos frequentadores são identificados a clientes dos estabelecimentos reconhecidos pelo valor histórico.

Conclusão

Após a análise dos quatro textos que configuram diferentes imagens de metrópole, com base em diferentes nomeações e processos metafóricos, podemos efetuar uma análise de toda a série, tendo em vista o modo de apropriação dos saberes institucionais e a significação dos espaços urbanos.

Notamos, primeiramente, que as notícias de jornal que compõem o *corpus*, ao se voltarem para as metrópoles, sustentam-se em discursos institucionais específicos, os quais legitimam os dizeres sobre as cidades, bem como as posições de jornalistas. Dos quatro textos, um deles se apoia no discurso institucional do Estado, em que a imagem da

“região metropolitana” é construída com base na Constituição Brasileira e por discursos de pesquisas do IBGE. Esse discurso, marcado pela cientificidade e pela metáfora dos “dados”, torna evidentes os sentidos para os leitores, com a presença de estatísticas e ranqueamento das cidades brasileiras em vista da abordagem de certos temas urbanos, como vimos no caso das migrações internas. Tais discursos são apropriados de maneira muito próxima pelo locutor jornalista, em vista da interpretação de acontecimentos ou da discussão de questões urbanas.

Os três outros textos se sustentam em saberes provenientes de instituições supranacionais, como a ONU, a União Europeia e a Unesco, seja quando tomam como objeto uma cidade brasileira (caso da metáfora da “cidade-região” atribuída a São Paulo), seja quando abordam cidades de outros países, como Marselha (metáfora da “capital cultural”) e a Cidade do México (metáfora do “centro histórico”). Podemos reunir a ONU e a Unesco, na medida em que a Unesco é uma instituição que faz parte da ONU. Com seus relatórios sobre o desenvolvimento de metrópoles mundiais, no interior do discurso de desenvolvimento sustentável (ONU), e orientações para a legitimação de patrimônios históricos e culturais, no discurso de promoção da diversidade cultural e do turismo (Unesco), vemos os sentidos de metrópole envolvidos na conjuntura global, seja no direcionamento de busca de soluções para “problemas” globais, seja no reconhecimento de diversidades culturais que sustentam o comércio e o turismo em escala global, e, particularmente nos casos analisados, na América Latina. Note-se que nas notícias, como mostramos, o discurso jornalístico se apoia de modo muito próximo, sem distanciamentos, aos discursos dessas instituições.

Enquanto isso, a metáfora da “capital cultural” indica um processo presente somente no contexto europeu: aquele que significa a metrópole como espaço de constituição de uma identidade regional da União Europeia. Unindo o Estado francês e a União Europeia, a intervenção urbana em Marselha ressignifica sujeitos e espaços em uma polifonia que envolve diferentes posições em jogo na intervenção sobre a cidade. De um lado, as diferenças locais aparecem como polêmicas; de outro lado, o discurso da União Europeia aparece como solução prática para as contradições locais, tal como previsto no projeto arquitetônico e urbanístico, ligado a uma visão de progresso e desenvolvimento tecnológico. De qualquer modo, vemos aí uma diferença, em relação aos casos anteriores no modo de abordar as questões urbanas, na medida em que os saberes são questionados e não aparecem ao modo da evidência.

Ao nos debruçarmos sobre as notícias de jornal, observamos diferentes processos de significação que constituem as metáforas urbanas. Os discursos institucionais fornecem as evidências ou as polêmicas a intervir em diferentes conjunturas. Enquanto espaços que escapam das instâncias governamentais oficiais, as metrópoles se apresentam como lugares de movimento, de instabilidade, de transformações, seja no âmbito nacional, com a criação das regiões metropolitanas, seja na conjuntura global de constituição de blocos regionais e de ações para o desenvolvimento sustentável e para o turismo e diversidade cultural. Notamos, enfim, uma diferença no modo de abordar esses espaços: em alguns casos tratam-se de problemas urbanos a analisar ou resolver, de outro de questões de formação de identidades internacionais ou culturais.

Esperamos, com estas análises e em seus limites, ter trazido alguns elementos para uma melhor compreensão da cidade pelo viés da linguagem e da circulação dos saberes urbanos que se inserem nos discursos jornalísticos.

REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras Incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

DUPLANDIER, U. Marselha usa ano como capital cultural para construir nova imagem. *UOL Notícias*, São Paulo, 28 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.dw.de/marselha-usa-ano-como-capital-cultural-para-construir-nova-imagem/a-16470821?maca=bra-uol-all-1387-xml-uol>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

EUROMEDITERRANÉ. Disponível em: <<http://www.euromediterranee.fr/>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

GUEVANE, E. Relatório da ONU diz que São Paulo pode ser chamada de “cidade região”. *UOL Notícias*, São Paulo, 14 fev. 2013. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/radioonu/2013/02/14/relatorio-da-onu-diz-que-sao-paulo-pode-ser-chamada-de-cidade-regiao.htm>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

GUIMARÃES, E.; ORLANDI, E. (Org.). *Institucionalização dos Estudos da linguagem: a disciplinarização das idéias lingüísticas*. Campinas: Pontes Editores, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

JANNUZZI, P. de M.; GRACIOSO, L. de S. *Produção e disseminação da informação estatística: agências estaduais no Brasil*. São Paulo Perspec. [online], v. 16, n. 3, p. 91-103, 2002.

MARIANI, B. *O PCB e a imprensa*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

MEDRANO, P. E. Lojas centenárias no coração de uma metrópole. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, Notícias/Cultura, s.p., 14 ago. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,lojas-centenarias—no-coracao-de--uma-metropole--,916249,0.htm>>. Acesso em: maio 2013.

NUNES, J. H. *A Enciclopédia Discursiva da Cidade*. Campinas: RG, 2012. p. 159-175.

ONU-HABITAT. *Estado de las Ciudades de América Latina y el Caribe*. S.l.: ONU-Habitat, ago. 2012. Disponível em: <http://www.onuhabitat.org/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=816&tmpl=component&format=raw&Itemid=538>. Acesso em: 21 jun. 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/onu-no-brasil/unesco/>>. Acesso em: 21 jun. 2013.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

_____. *A cidade dos sentidos*. Campinas: Pontes Editores, 2004.

ORLANDI, E. P. (Org.). *Cidade atravessada: os sentidos públicos no espaço urbano*. Campinas: Pontes Editores, 2001.

_____. *Para uma enciclopédia da cidade*. Campinas: Pontes/Labeurb-Unicamp, 2003.

PÊCHEUX, M. *Análise de discurso*. Textos organizados por E. Orlandi. Campinas: Pontes Editores, 2011.

RODRÍGUEZ-ALCALÁ, C. Entre o Espaço e seus Habitantes: Notas sobre a Construção do Glossário Discursivo da Cidade. In: ORLANDI, E. P. (Org.). *Para uma Enciclopédia Discursiva da Cidade*. Campinas: Pontes, 2003. p. 65-84.

ROSSI, A. São Paulo é a metrópole com mais migrantes. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 22 set. 2012. Notícias, s.p. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impresso,sao-paulo-e-a-metropole-com-mais-migrantes-,934137,0.htm>>. Acesso em: 21 jun. 2013.